



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO HISTÓRIA
DISCIPLINA: HISTÓRIA ANTIGA II
PROFESSORA: PRISCILLA GONTIJO LEITE
ALUNO: LUCAS GUEDES PEREIRA ARNAUD ARROXELAS

OFÍCIOS NA GRÉCIA ANTIGA

Entre os principais ofícios realizados pelos gregos, temos: agricultor, artesão, comerciante e marinheiro. Em cada um desses ofícios podem ser observadas variações em seu interior. Essas quatro atividades laborais existiram em diversos períodos históricos, o que se buscou mostrar foi como elas se configuravam no caso específico da Grécia Antiga. O estudo da relação das mulheres com o mundo do trabalho é de grande importância para a compreensão da sua condição na Grécia Antiga, o mesmo ocorre com escravos, cuja situação foi abordada em outra ficha.

No registro de Hesíodo *Os trabalhos e os dias*, a necessidade de ter um ofício está relacionada a sobrevivência, principalmente para conseguir a alimentação, sendo o ofício de agricultor o mais valorizado:

*Mas tu, sempre lembrado do nosso conselho,
trabalha, Perses, raça de Zeus, para que a Fome
te deteste e que te estime a bem coroada Deméter,
honrada, e te encha de alimento a despensa,
pois Fome sempre acompanha o homem indolente.
Deuses e homens partilham, contra quem vive
ocioso como um zangão, sem ferrão, da mesma raiva:
consomem o trabalho das abelhas, os lerdos,
e o comem. Que te empenhes em articular obras certas
e a abastecer a despensa na hora oportuna.
Pelo trabalho os homens são rico de gado e de bens
e quem trabalha é muito mais caro aos deuses também
[e o mesmo serás para os homens: odeiam os lerdos.]
Trabalho não é vergonha. Vergonha é não trabalhar
se trabalhares, logo te inveja o preguiçoso
porque enriqueces. Sucesso e glória acompanham a riqueza.
Seja lá para quem for, trabalhar é melhor,
Se desvias a mente dos bens do vizinho
Para o trabalho e ganhas teu pão, como te aconselho
(Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, 298-316)*

Agricultores: Os agricultores possuíam grande importância na sociedade grega, principalmente por serem a maior parte da população e a base da economia das cidades ser agrícola. A terra era o local onde os camponeses exerciam o seu trabalho, sendo a sua atividade de caráter agropecuário. Habitavam a *Khóra* (parte rural da *pólis* grega). Cultivavam oliva, vinhas, cereais e alguns vegetais e frutos; na pecuária, criavam cabras e algumas aves, bem como equinos que eram utilizados na locomoção e para tração. A família era a unidade de produção e consumo desses trabalhadores. Os agricultores poderiam trabalhar na terra de alguém, seja no emprego direto nas terras do proprietário ou como arrendatário; como poderiam possuir a própria terra na qual trabalhavam; a

posse da terra era algo essencial para a determinação da posição social do camponês. Realizaram diversas lutas tanto por terras como por direitos políticos, tiveram com importante consequência as reformas empreendidas por alguns legisladores e a ascensão dos tiranos.



Na imagem, temos a representação de cenas típicas da vida rural grega, com agricultores trabalhando na terra. Podemos observar também um pouco sobre a técnica na produção agrícola dos gregos; a imagem mostra a utilização da enxada e do arado puxado por tração animal.

Kylix datado de por volta do século VII-VI a.C.

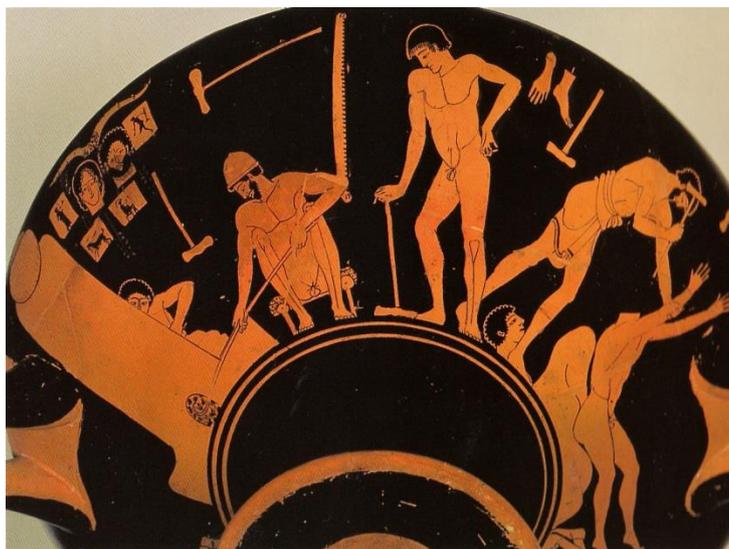
Disponível: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/b3/5d/2d/b35d2d7b3e31df9610a35f3b7b1afd83.jpg>

Rich, indeed!; nay rather, as everybody knows, one of those who lived by the labour of their hands. To be sure, my father, who supported us by hard labour and close economy on his own part (autos ergazomenos), managed to give me the education of the boys; but when I became a young man, he could not support me in idleness, and so he took me off to the farm and put me to work. And there, as long as he lived, I, in turn, supported him by digging and planting a very little plot of ground. It was really not such a very bad plot of ground, but, on the contrary, the most honest; for all the seed that it received it returned fairly and honestly, and yet with no very great amount of interest. And sometimes, in a fit of generosity, it would even return to me twice as much as it received. (Xenofonte, Cyropaedia, 8.3.37–38, apud Gallego, 2007, p. 8)

Nesta fala de Pheraulus na *Ciropedia* de Xenofonte podemos observar certa valorização do trabalho agrícola, que é visto como algo honesto e digno. Também é possível perceber o trabalho rural como sendo empreendido pela família.

Artesãos: No interior do próprio grupo dos artesãos havia diferenciações, seja pela habilidade, pelo objeto do seu trabalho e pela riqueza possuída; a habilidade era um elemento de grande importância e a riqueza poderia modificar a posição social do sujeito. Entre as principais atividades artesanais podemos destacar a confecção de roupas e sapatos, o ferreiro, o curtidor e a produção de cerâmicas; essas tiveram grande importância na Grécia Antiga, possuindo função utilitária e artística, as decorações que algumas levavam constituem hoje uma importante fonte histórica para os estudos sobre a Antiguidade grega. As atividades artesanais poderiam ocorrer ao ar livre, mas, em grande parte, aconteciam em locais fechados como uma oficina ou a casa de um artesão. Alguns artesãos poderiam empregar outros na sua oficina, sendo comum também homens livres e escravos estarem a trabalhar lado a lado. O trabalho do artesão, que ocorria por jornada ou por tarefa, era visto pelos gregos como um serviço a outrem ou à

comunidade. Os artesãos concentravam-se principalmente nas áreas urbanas. Essa atividade possuía baixo prestígio social.



Oficina de um escultor, *kylix* do século V a.C.

Disponível: <https://ancientarmitage.files.wordpress.com/2014/01/greek-craftsmen-13-w640h430.jpg>

Na imagem, vemos representada uma oficina de um escultor. Trata-se de um local fechado, muitos artesãos trabalhavam nesses tipos de locais, como oficinas ou em casa. Tem-se representado vários homens trabalhando, o que mostra que o artesão poderia empregar outras pessoas em sua oficina. Note-se também que os homens estão com pouca roupa ou nus, isso era comum em oficinas, devido ao calor, principalmente nas que utilizavam fogo para a confecção dos seus produtos.

*Meu pai, homens do júri, deixou duas oficinas, ambas somando um grande negócio. Uma delas era uma oficina de espadas, empregando trinta e dois ou trinta e três escravos, a maioria deles valendo cinco ou seis minas cada um e nenhum deles valendo menos do que três minas. A outra era uma oficina de sofá que empregava trinta escravos, dada ao meu pai como compensação por uma dívida de quarenta minas. (Demóstenes, *Sobre o Quersoneso*, 24-5, apud Melo, 2015, 152)*

Nesta fala de Demóstenes aparecem dois produtos feitos por artesãos, espadas e móveis. Também aparece o emprego de escravos nessa atividade, que era realizada tanto por homens livres como por escravos, muitas vezes, conjuntamente. Pode-se observar também um local de trabalho, a oficina. A partir do relato de Demóstenes, pode-se inferir que havia capacidade de o artesanato gerar grandes negócios para o dono de oficinas.

Homens do mar: Nos chamados homens do mar, podemos destacar quatro grupos: os que estavam relacionados à função militar, os mercadores, os pescadores e os piratas. Entre a navegação militar, temos os navios de guerra e os destinados ao transporte de tropas; o aparecimento dos navios de guerra foi uma importante inovação militar, contribuindo para o domínio dos gregos do Mediterrâneo. O comércio marítimo trata-se, sobretudo, do comércio de longa distância, atividade que produzia lucros maiores que o comércio local, sendo realizada, principalmente, por metecos; o comércio marítimo realizava o abastecimento de diversas cidades, inclusive realizando o comércio de grãos que tinha uma grande importância para algumas cidades, como era o caso de Atenas. A pesca era tanto um meio de obter renda, como de obter suplementação para a alimentação; realizada, geralmente, em equipe; os pescadores possuíam status baixo, mas, livres; a pesca foi muitas vezes incluída no espaço rural, mas, a pesca de alto mar não deveria ser incluída na economia rural; o pescador de alto-mar era visto como a representação de algo desconhecido, do “outro”. Os piratas, muitas

vezes, eram corsários de cidades costeiras, o comércio de escravos era uma das principais fontes de renda dos piratas.



Kylix datado de por volta de 520-500 a.C.

Disponível: http://www.britishmuseum.org/collectionimages/AN00226/AN00226946_001_1.jpg?width=304

Na imagem, podemos observar um navio mercante e um navio de guerra, o que mostra a existência de mais de um local onde homens do mar poderiam ser encontrados trabalhando. Além dos dois presentes na imagem, havia a navegação de pesca e a pirataria.

*De fato eu, de uma só vez, comecei a suprir suas forças em Samos com remos – isto foi depois que os Quatrocentos haviam tomado o poder em Atenas – já que Arquelau tinha conexões hereditárias com minha família e me concedeu o direito de cortar e exportar o quanto eu quisesse. E não somente eu os supri com remos; me recusei de cobrar mais por eles do que haviam custado para mim, embora eu pudesse ter obtido um lucro de cinco dracmas por peça. Além disso, os supri com grãos e bronze. Desta feita equipadas, as forças em Samos puderam derrotar os peloponésios no mar; e foram eles, e apenas eles, que salvaram Atenas naquele tempo. Agora, se aqueles heróis prestaram a vocês um verdadeiro serviço através de seus feitos, eu posso afirmar que o serviço não se deveu a mim em menor medida! Não tivesse o exército abastecido com estes suprimentos e eles estariam lutando não para salvar Atenas, mas, sim, as suas próprias vidas. (Andócides, *Sobre o Seu Retorno*, 11-12, apud Melo, 2015, 124)*

Neste trecho aparecem dois grupos em que se encontravam os homens do mar, os que pertenciam à marinha de guerra e os pertencentes à navegação voltada para o comércio. Podemos ver a grande importância do abastecimento das cidades, atividade realizada pelos mercadores.

Comerciante: Podemos dividir os comerciantes em três grupos. Os *kápelos* eram responsáveis pelo comércio local, abastecendo o mercado interno, vendiam principalmente a varejo e produtos de uso cotidiano e mais imediato. Os *émpolos* exerciam comércio a longa distância, ultramarino, abastecendo as cidades, vendiam a atacado. Os *náukleros* tinham como característica essencial o fato de serem donos de navios, mas podendo também comercializar mercadorias neles. Esses dois últimos tipos são de difícil distinção, comumente se confundindo entre si. Os comerciantes eram, em sua maioria, por metecos. O comerciante poderia ser também o produtor, mas era mais comum que não fosse, era comum a utilização de intermediários entre o produtor e o comerciante. Com o crescimento do comércio na Grécia nos séculos VII-VI a.C., os comerciantes adquiriram maior força.



Moeda ateniense datada de por volta de 454-404 a.C.
Disponível: http://www.ancientresource.com/images/greek/greek_coins/athens/athens-tetradrachm-cg2200b.jpg

Há um intenso debate sobre a origem das moedas, e uma das hipóteses é que ela surgiu na Ásia Menor e sua adoção está relacionada a processos políticos e cívicos das cidades, para além dos fatores econômicos. Porém, a sua introdução na sociedade grega facilitou a acumulação de riquezas por parte de quem realizava o comércio, contribuindo para que eles se fortalecessem.

*Nós, de nossa parte, reconhecemos que vendemos fitas não vivemos da maneira que gostaríamos; e, se a ser ver Eubúlides, isto é um sinal de que não somos atenienses, eu devo provar a você exatamente o contrário – que não é permitido a nenhum estrangeiro fazer negócios no mercado [sem ser registrado e pagar taxa especial à cidade]. (...) Ele afirma que minha mãe é vendedora de fitas e que todos a conhecem. (...) Se nós fossemos ricos não precisaríamos vender fitas, nem teríamos necessidade alguma. Mas o que isso tem a ver com a nossa decência? Nada, de qualquer forma, em minha opinião. Espero, atenienses, que não desprezem os necessitados (sua pobreza já é infortúnio suficiente), e que desprezem menos ainda aqueles que escolhem se engajar no comércio e garantem sua subsistência por meios honestos. (Demóstenes, *Contra Eubúlides*, 57.31, 34-36, apud Melo, 2015, 105)*

Neste trecho, vemos a fala de Euquiteu se defendendo diante do caso da retirada da sua cidadania. O motivo utilizado para deslegitimar a sua condição de cidadão era o fato de Euquiteu ser um comerciante, assim como a sua mãe. Ele também afirma que trabalha no comércio por necessidade e não por escolha. Isso nos permite observar que o comércio era uma atividade pouco valorizada, sendo um trabalho mal visto e pouco digno.

Mulheres: Na visão dos gregos, o lugar ideal para a mulher seria no gineceu onde se encontraria no ócio (esta foi a forma como ela foi mais representada) ou poderia se ocupar da tecelagem. A mulher deveria possuir a pele mais clara do que quem trabalhava ao ar livre. Porém, algumas fontes mostram a inserção das mulheres no mundo do trabalho grego. As mulheres mais pobres estavam mais presentes em atividades laborais. Uma atividade comum para as mulheres do campo era a coleta de frutos. Também se evidencia a venda de produtos na *ágora* e no mercado por mulheres. Algumas fontes indicam até a presença de mulheres em oficinas artesanais, espaço considerado masculino.



Na imagem vemos uma representação do mito de Penélope. Ela aparece na imagem tecendo, atividade da qual se ocupavam as mulheres. É interessante perceber que a tecelagem está ocorrendo em ambiente doméstico. A pintura também nos permite observar a pele mais clara de Penélope e das outras duas mulheres que a acompanham no interior da casa, característica atribuída a quem não trabalhava ao ar livre.

Penelope and the Suitors de John William Waterhouse, 1912.

Disponível: https://wordsmith.org/words/images/penelopize_large.jpg

*Passa ela, então, a tecer uma tela mui grande, de dia:
À luz dos facho, porém, pela noite destece o trabalho.
Três anos isso; com dolo consegue embair os Aquivos.*
(Homero, *Odisseia*, II, 104-106, apud Lessa, 2011, p. 153).

Nesta passagem da *Odisseia* de Homero, vemo-lo abordar o mito de Penélope, que, ao tecer durante o dia e à noite desfazer o que fez, teria conseguido retardar um novo casamento e, assim, pôde esperar pelo retorno de Ulisses. Encontramos aí uma atividade que era destinada às mulheres, a tecelagem. É importante perceber como Penélope era tomada como o modelo da esposa ideal.

Referências:

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução e estudo de Luiz Otávio Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011

CARVALHO, A. G. Comércio e Política na Grécia Antiga: uma crítica ao neoprimitivismo de Johannes Hasebroek. In: V Encontro Estadual de História ANPUH-BA, 2010, Salvador. **Anais do V Encontro Estadual de História ANPUH/BA**. Vitória da Conquista: edições UESB, 2010. p. 1-6.

CASSON, Lionel. **The Ancient Mariners: Seafarers and Sea Fighters of the Mediterranean in Ancient Times**. 4. ed. New York: The Macmillan Company, 1967.

CERQUEIRA, F. V. . Evidências iconográficas da participação de mulheres no mundo do trabalho e na vida intelectual e artística na Grécia antiga. In: IV Encontro de História da Arte - A Arte e a História da Arte entre a Produção e a Reflexão - 2008, 2010, Campinas. **Atas do IV Encontro de História da Arte - A Arte e a História da Arte entre a Produção e a Reflexão - 2008**. Campinas: Centro de História da Arte e Arqueologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP, 2008. v. 1. p. 151-185.

CHEVITARESE, André Leonardo. A Pesca na Pólis Ateniense no Período Clássico. **Phónix**, Rio de Janeiro, v. 2, p.57-69, 1996.

FINLEY, M. I. **La economía de la antigüedad**. México, D. F: Fondo de Cultura Económica, 1986.

GALLEGO, Julián. Farming in the Ancient Greek World: How should the small free producers be defined?. **Studia Humaniora Tartuensi**, Tartu, v. 8, n. 3, p.1-21, 2007.

LESSA, F. S. Expressões do Feminino e a arte de tecer tramas na Atenas Clássica. **Hvmanitas**, Coimbra, v. 63, p. 143-156, 2011.

MELO, Gabriel da Silva. **Mercadores e Comerciantes na Democracia Ateniense: 431-322 a.C.** 2015. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, UFF, Niterói, 2015.

THEML, Neyde. Artesãos e status na pólis dos atenienses. **Phónix**, Rio de Janeiro, v. 10, p.246-256, 2004.

VIEIRA, Ana Livia Bonfim. Algumas considerações sobre a imagética da pesca na Atenas do período clássico. **Phónix**, Rio de Janeiro, v. 13, p.44-51, 2007.

ZARAUZA, José Alejandro. El campesino griego: sujeto de derecho en la pólis. In: VI Coloquio Internacional ΑΓΩΝ: Competencia y Cooperación. De la Antigua Grecia a la Actualidad, 6., 2012, La Plata. **Actas del VI Colóquio Internacional ΑΓΩν: Competência y Cooperación de la Antigua Grecia a la Actualidad**. La Plata: 2012. p. 839 - 850.